

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA PESQUISA EDUCACIONAL BRASILEIRA E DAS INVESTIGAÇÕES DE TIPO ETNOGRÁFICO E SUA RELAÇÃO COM A GEOGRAFIA

Valeriê Cardoso Machado

Doutora em Geografia, professora do Instituto Federal Goiano - IFGO, campus Morrinhos/GO

geo.vale@gmail.com

RESUMO: A origem da etnografia remonta à Idade Média com investigações interpretativas dos modos de vida de diferentes grupos sociais. A descrição de tipo etnográfica aparece principalmente na época das Grandes Navegações, do século XV até o século XVII. Os antropólogos denominaram de etnografia a descrição monográfica dos modos de vida dos povos. De modo geral, o que define a etnografia é o esforço intelectual do pesquisador em produzir descrições densas, que é um esforço de registro da experiência vivida das pessoas e um exercício pertinaz de interpretar uma cultura, buscando compreender pelo descrever, não tanto pelo explicar. No campo da educação, na década de 1970, essa metodologia etnográfica passou a ser empregada nas pesquisas de processos educacionais de diversos países, como EUA e Inglaterra. Os estudos etnográficos chegaram ao Brasil por volta da década de 1980, sofrendo influência de trabalhos realizados principalmente no México. Na década de 1990, a publicação de artigos sobre etnografia educacional aumentou consideravelmente. Para alguns autores, o objetivo maior da etnografia educacional é propor constantes estudos comparativos para construir melhores interpretações de processos educacionais e de fenômenos relativos à aprendizagem. Ao abordar questões do cotidiano escolar, que envolvam a organização do trabalho pedagógico, acredita-se que a pesquisa etnográfica possa contribuir para a discussão de diversos fatores determinantes para as relações cotidianas da escola. Nesse sentido, realizou-se o presente trabalho com o intuito de apresentar diferentes abordagens a respeito de pesquisas de tipo etnográfico no campo da educação.

Palavras-chave: Educação. Etnografia. Ensino de Geografia.

CONSIDERATIONS ABOUT BRAZILIAN EDUCATIONAL RESEARCH AND OF INVESTIGATIONS ETHNOGRAPHY AND YOUR WICH REGARD TO WHIF THE GEOGRAPHY

ABSTRACT: The origin of ethnography to date back midole ages with interpretative investigations of life menners social different groups. The description of kind ethnography appear principally in the time of great navigations in fifteen to seventeen century. The anthropologists give a name of ethnography the monographic descrption of life manner's people. In a general way, what define the ethnography is the intellectual effort of researcher to produce dense descriptions what is an effort of register of people's experiences and pernicious exercise to interpret a culture, searching to understand by to describe no that much by to explain. I education field in 1970 decade this ethnography methodology be taken for used in researchs of educational

process in countries diverse, as USA and England. The ethnography studies arrive to Brazil round about of 1980 decade, have influence of works realized principally in Mexico. In 1990 decade the publication of articles about educational ethnography increased considerably. For some authors the bigger objective of educational ethnography is to propose constant comparatives studies to construct better interpretations of educational process and of phenomenons relatives to learning. To broach questions of every day school wrapping the organization of educational work. Believe what the ethnography research can to contribute to discussion of the several factors what determine the every day relations of school. In the sense, realized this work with purpose of to present different.

Key-words: Education. Ethnography. Geography teaching.

1- INTRODUÇÃO

Até a década de 1970, a pesquisa educacional brasileira estava muito voltada para abordagens que consideravam exclusivamente dados estatísticos. Estudava-se muito sobre a porcentagem de evasão e de repetência nas escolas públicas, sem haver uma reflexão a respeito das causas do fracasso escolar. Conforme Garcia há estudos que alguns autores analisaram teses e dissertações (ou resumos de teses e de dissertações), entre os anos de 1970 e 1980, e perceberam que: “[...] a maioria das 646 dissertações e teses concluídas até dezembro de 1977 segue a orientação tecnicista” (GARCIA, 2001, p.100).

As críticas aos trabalhos de caráter tecnicista, sem reflexão e meramente quantitativos, favoreceram o aparecimento de outras abordagens como a etnográfica, a fenomenológica, e a ampliação dos referenciais encontrados até aquele período.

Ao analisar a produção discente dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil, no período de 1982 a 1991, Warde (1992) observou um aumento significativo de pesquisas que adotaram metodologias de tipo qualitativo, principalmente no decorrer da década de 1980.

Pesquisas que buscam fazer algum tipo de balanço da produção acadêmica no campo da Educação, entre eles Garcia (2001), André (2000) e Warde (1992), apontam que, direta ou indiretamente, a partir de 1985, as pesquisas no campo educacional mostraram-se mais preocupadas com problemas específicos do ensino, ou seja, com o funcionamento interno da escola e com o sistema escolar como um todo.

No que se refere à pesquisa de tipo etnográfico, precisamente na década de 1990, houve um aumento significativo de artigos envolvendo a etnografia no campo educacional. Garcia (2001, p.113) observa que o aumento de trabalhos empregando metodologias de caráter etnográfico ocorreu em virtude do livro de Ezpeleta; Rockwell, publicado em 1986, denominado “Pesquisa Participante”.

Em decorrência do aumento do número de pesquisas de tipo etnográfico no Brasil, alguns autores passaram a tecer críticas quanto à qualidade das mesmas. Azanha (1994), por exemplo, aponta que a etnografia tornou-se um modismo nas pesquisas educacionais, como também, critica a carência de argumentos, que reflete “um descrever por descrever”. Para este autor, “[...] as investigações feitas sobre o cotidiano atualmente, caem em descrições banais do dia-a-dia, sem importância científica, caindo no modismo sem relevância para a ciência do homem” (AZANHA, 1994, p.33).

Em face de uma série de polêmicas envolvendo as pesquisas de tipo etnográfico, pretende-se, nesse trabalho, amear alguns conceitos fundamentais para essa modalidade de investigação científica.

Através da pesquisa bibliográfica disponível, o objetivo é traçar um panorama a respeito de trabalhos que empregam metodologias de tipo etnográfico privilegiando sua utilização no campo educacional.

2- OS MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS DO TERMO “ETNOGRAFIA”

A palavra etnografia provém do grego (*éthnos* - **etno**: raça, povo; e *gráphein* **grafia/graf**: grafar, escrever) e significa: disciplina que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, das línguas, raças, religiões, etc., e manifestações materiais da sua atividade (FERREIRA, 1986, p. 733).

Para Erickson (1986), a palavra etnografia diz respeito aos povos considerados estrangeiros, possuidores de uma cultura externa a da civilização grega.

Alguns autores, entre eles Ezpeleta; Rockwell (1986, p.31), afirmam que etnografia é o estudo descritivo das atividades de um grupo humano determinado e seus objetos de estudo são os fenômenos culturais.

De acordo com Garcia (2001, p.20), com base em Erickson, anteriormente citado, os antropólogos denominaram a etnografia por: a descrição monográfica dos modos de vida dos povos.

Para André (1995, p.27), a etnografia envolve um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. A autora afirma ainda que, para os antropólogos, a etnografia tanto é um conjunto de técnicas para coletar dados sobre determinado grupo que está sendo observado, como um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. Para reafirmar isso, Lüdke; André (1986, p.14) apontam que etnografia é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo, ou seja, é a ciência da descrição cultural.

Para Víctora; Knauth; Hassen (2000, p. 53), etnografia é um método de pesquisa que agrupa um conjunto de concepções e procedimentos utilizados tradicionalmente pela antropologia para fins de conhecimento científico da realidade social, ou seja, a abordagem etnográfica constrói-se com base nos comportamentos humanos tendo como referencial o contexto social em que eles atuam.

Segundo Mattos (2001), etnografia compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas associadas de alguma maneira, ou seja, é a escrita de aspectos visíveis. Ainda para a autora: “[...] a etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, da língua, da religião, e manifestações materiais de suas atividades [...]”, portanto, é uma forma de descrição da cultura material de um determinado povo, como também é parte ou disciplina integrante da etnologia.

Conforme assevera Mattos (2001), fazer etnografia significa

[...] preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura entendida, introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais e preocupar-se em revelar as relações e inter-relações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar.

Para Camacho; Beltrame (1997), a etnografia é identificada como a prática do antropólogo para interpretar a cultura, principalmente ao tratar da etnografia no campo educacional.

3- AS PESQUISAS QUALITATIVAS E O MÉTODO ETNOGRÁFICO

De acordo com Lüdke; André (1986, p.13), a etnografia é uma forma de pesquisa qualitativa por tratar da obtenção de dados descritivos retratando a perspectiva dos participantes.

As principais características de uma pesquisa qualitativa e, portanto, da pesquisa etnográfica, é o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada (trabalho de campo). O ambiente em que se desenvolve a pesquisa deve ser fonte de dados e o pesquisador seu maior instrumento.

Monteiro (1998, p. 07) escreve que as investigações qualitativas são estratégias de pesquisa que privilegiam a compreensão do sentido dos fenômenos sociais. Já André (1995) afirma que pesquisa qualitativa é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural, que leva em consideração todos os fatos e relaciona-os intimamente, o que a faz diferente da pesquisa quantitativa que estuda cada fato isoladamente. Sobre esta questão, a referida autora chama atenção: “[...] alerta para o risco de se continuar empregando o termo ‘pesquisa qualitativa’ de forma genérica e extensiva, pois se pode cair no extremo de chamar de qualitativo qualquer tipo de estudo, desde que não envolva números [...]” (ANDRÉ, 1995, p.15).

As reflexões de Erickson (1986, p.198) contribuem para a compreensão da pesquisa etnográfica, pois conforme o autor, este é um tipo de investigação que estuda o cotidiano e suas conexões. Sua metodologia é rigorosa e sistemática, sem ser positivista.

A pesquisa etnográfica busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações e teorias. Para isso, é necessário um plano de trabalho aberto e flexível para descobrir novos conceitos, novas relações e novas formas de entendimento da realidade em que o pesquisador deve tentar apreender e retratar a visão pessoal dos participantes (ANDRÉ, 1995, p.30). Para esta autora, um trabalho do tipo etnográfico deve ser: “[...] aquele em que se usa observação participante, entrevista, análise documental e intensa interação entre o pesquisador e o objeto.” (ANDRÉ, 1995, p. 28).

Segundo Garcia (2001, p.20), a pesquisa etnográfica dá-se:

[...] no momento em que o pesquisador percebe que ele mesmo deve realizar em campo a sua própria pesquisa, e também que o trabalho de observação se constitui em parte integrante da investigação, é aí que começa propriamente a existir a *etnografia* (grifo da autora).

Além da observação e da descrição pormenorizada do comportamento, dos sentimentos e das falas das pessoas investigadas pela pesquisa, são necessárias também a introspecção e a reflexão pessoal. Lüdke; André (1986, p.28) afirmam que quanto maior o período de investigação no campo, maior será a validade das informações e dos resultados da pesquisa.

Em consonância com as autoras anteriormente mencionadas, Víctora; Knauth; Hassen (2000) discutem a pesquisa etnográfica destacando a importância da coleta de dados nesse tipo de investigação e a responsabilidade de um pesquisador que utiliza tal metodologia. Conforme os autores, a “justificativa para o procedimento de observação está no pressuposto de que há muitos elementos que não podem ser apreendidos por meio da fala ou da escrita” (Víctora; Knauth; Hassen, 2000, p. 62) .

É com base nessas reflexões que Garcia (2001, p. 79) complementa: “[...] constitui-se como elemento identificador da etnografia, a produção de texto em que a riqueza e a complexidade das observações sejam preservadas no conjunto das análises feitas pelo pesquisador.” Sendo assim, compreende-se que a pesquisa etnográfica permite um processo de construção teórica simultânea à pesquisa empírica (EZPELETA; ROCKWELL, 1986).

Para Camacho; Beltrame (1997), um trabalho etnográfico elaborado de maneira rigorosa é aquele que tem a capacidade de sustentar uma re-análise de seus dados iniciais, permitindo abordagens diversas. Segundo as autoras, a pesquisa etnográfica é artesanal, microscópica e detalhista, enquanto que, para Garcia (2001, p.74), um trabalho etnográfico deve apresentar a observação acompanhada da interpretação. Malinowski (1978), um dos autores de maior importância para o desenvolvimento da etnografia e da observação participante, separa, no entanto, a observação da interpretação em seu famoso livro, “Argonautas do Pacífico Ocidental”, um verdadeiro marco para esse campo de pesquisa.

Para melhor explicar as especificidades e a riqueza da coleta de dados da etnografia, Camacho; Beltrame (1999), reportando-se a Geertz (1989), citam uma metáfora:

Há diferentes sinais que podem ser captados nos registros advindos da pesquisa etnográfica, como as piscadelas de dois garotos. O piscar de um garoto era um tique involuntário, e do outro, a piscadela é conspiratória a um amigo. Os movimentos são idênticos, mas os significados muito diferentes.

Dessa maneira, as autoras supracitadas afirmam que um bom trabalho etnográfico é “[...] aquele que é capaz de separar as piscadelas dos tiques nervosos e as piscadelas verdadeiras das imitadas” (CAMACHO; BELTRAME, 1999).

Conforme André (2000), uma pesquisa etnográfica não pode se limitar à descrição de situações, ambientes, pessoas ou à reprodução de suas falas e de seus depoimentos. Para a autora, essa modalidade de pesquisa deve ir além, tentando reconstruir as ações e interações dos pesquisados, compartilhando os resultados com os docentes para que melhorem suas formas de ensino. Nesse sentido, diversos autores têm apresentado o grande potencial deste tipo de pesquisa para a geração de conhecimentos (ERICKSON, 1989, p.290).

Garcia (2001, p.20) afirma que há várias abordagens e perspectivas diversas tratando da etnografia. Por isso, considera-se pertinente o presente trabalho, porquanto busca refletir a respeito das contribuições encontradas na pesquisa bibliográfica tratando o tema na atualidade.

4- A PESQUISA E O PESQUISADOR ETNÓGRAFO

Através da pesquisa bibliográfica apresentada no tópico anterior, foi possível observar que, para se realizar uma investigação etnográfica, o pesquisador deve, acima de tudo, utilizar o método da observação a fim de investigar seu objeto de estudo; não se esquecer de que é um integrante da sociedade a qual está estudando e carregar uma perspectiva teórica para a tarefa de observações e interpretações de realidades desconhecidas (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Em

consonância com as autoras mencionadas, Garcia (2001) afirma que tais procedimentos de pesquisa caracterizam o etnógrafo.

Para que o trabalho do pesquisador etnógrafo seja viável, ele deve ter empatia com o grupo observado, como proletários, indígenas, professores, alunos, diretores e funcionários da escola, entre outros (ANDRÉ, 1995). Sobre essa questão, Mattos (2001) complementa, dizendo que o pesquisador deve comportar-se de modo a não se tornar comprometedor, invasor, discriminatório, opressor e excludente.

O etnógrafo deve escrever de maneira que o leitor se torne cúmplice do autor (GARCIA, 2001), pois, segundo Erickson (1989, p.258), cada pesquisador interpreta de uma maneira as pessoas e os lugares observados; conseqüentemente, as interpretações advindas da pesquisa etnográfica podem variar bastante entre um autor e outro.

De acordo com Mattos (2001), o pesquisador etnógrafo precisa entender a diversidade e as diferenças culturais existentes dentro de uma escola, inclusive dentro de uma sala de aula, uma vez que os comportamentos dos sujeitos envolvidos mudarão conforme a filosofia de trabalho do professor, a classe social a que pertencem os integrantes, a singularidade dos envolvidos e, também, a ordem social estabelecida. Melhor dizendo: quando um grupo de pessoas se reúne para socializar-se por algum motivo, estabelece-se uma ordem social, como é o caso das escolas, dos hospitais, dentre outros.

Em artigo intitulado “A abordagem etnográfica na investigação científica”, Mattos (2001) sugere alguns passos para auxiliar o etnógrafo em seu trabalho de campo. Destacam-se os que se acredita serem os mais significativos:

- Observar as expressões do(a) entrevistado(a), o que faz com o corpo, com os olhos, etc.
- Revisar suas notas de campo com o objetivo de identificar um padrão nos registros de seus dados;
- Ser o mais concreto, vivido e preciso possível ao descrever;
- Detalhar os comportamentos verbais e não-verbais;
- Descrever, minuciosamente, o espaço físico onde é realizada a observação dos sujeitos e dos episódios;
- Transcrever as falas, textualmente, sem correção gramatical;

- Perceber os tons de voz, os volumes das falas, as expressões faciais das pessoas observadas;
- Estar aberto e flexível para desconfirmar informações, procurar novas perspectivas, mudar de opinião para que a pesquisa se torne realmente idônea.

Souza (2000) exemplifica como deve ser o olhar do etnógrafo, quando se propuser ir a campo: *É aquele olhar maravilhado, de espanto, cujas origens remontamos a Sócrates na descoberta do outro enquanto estranho, é o olhar etnográfico com toda a carga de admiração, busca e descoberta, respeito e consideração pelo ser diferente.*

5- ABORDAGEM HISTÓRICA SOBRE ETNOGRAFIA E SUA SEMELHANÇA COM OS PRIMÓRDIOS DA GEOGRAFIA

De acordo com Erickson (1986), a pesquisa interpretativa ou etnográfica surgiu na Idade Média, quando os intelectuais começaram a estudar os pobres da sociedade daquela época, pois estes, apesar de serem analfabetos, detinham uma grande sabedoria sobre o mundo e seus fenômenos, fato que despertava a curiosidade dos intelectuais.

Segundo Garcia (1989, p.203), a etnografia teve sua origem na época das Grandes Navegações, do século XV até o século XVII, quando os viajantes descreviam os lugares por onde passavam e os povos diferentes que conheciam. Um exemplo clássico dessa descrição, já realizada no Brasil, é a carta de Pero Vaz de Caminha para o rei de Portugal (D. João VI), quando os portugueses aqui chegaram em 1500, contando como era a nova terra que acabavam de descobrir.

Transcreve-se, a seguir, um trecho ilustrativo do documento mencionado com o objetivo de demonstrar a riqueza dos detalhes utilizados nessa densa descrição:

[...] Ali veríeis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim pelos corpos como pelas pernas, que, certo, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma. Também andava lá outra mulher, nova, com um menino ou menina, atado com um pano aos peitos, de modo que não se lhe viam senão as perninhas. Mas nas pernas da mãe, e no resto, não havia pano algum. Andamos por aí vendo o ribeiro, o qual é de muita água e muito boa. Ao longo dele há muitas palmeiras, não muito altas; e muito bons palmitos... (FRAGMENTO DA CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA AO REI DE PORTUGAL, disponível em: <<http://www.bibliotecavirtual.org.br>>).

Normalmente, nessas longas viagens, em que a disputa pelos territórios e pela soberania dos mares era fator decisivo para ascensão de um país, iam como tripulantes das embarcações vários estudiosos, denominados de naturalistas, que descreviam as diferentes formas de vida, espécies e *habitat* desconhecidos. Esse aspecto histórico da etnografia muito se confunde com a história do surgimento da ciência geográfica, a qual também era extremamente descritiva.

Com o passar dos séculos, com as inovações da Revolução Industrial, com as modificações dos modos de vida dos ingleses, a classe intelectual do início do século XX passou a interessar-se pelos costumes de parte da população desprivilegiada – proletários das fábricas da Inglaterra, desempregados, camponeses – realizando estudos sobre os envolvidos com a geração da economia daquele país. Segundo Garcia (2001, p. 20), é na passagem dos séculos XVIII para o XIX que se constitui uma comunidade de observadores do Homem. E é também nesse período que a Geografia, recém atingido o status de ciência, realiza estudos envolvendo o homem e a natureza.

Vários trabalhos de caráter social foram feitos nessa época em vários países como a França, os Estados Unidos e a Inglaterra. Na França, um grupo de pesquisadores estudou profundamente a classe trabalhadora, chegando a conviver com eles vários anos. Nos Estados Unidos, alguns estudiosos fizeram trabalhos sobre os indivíduos da raça negra e as condições em que viviam, pois havia uma comunidade negra bastante numerosa no território daquele país (GARCIA, 2001, p.10).

As colônias da África e da Ásia despertaram a curiosidade de intelectuais, provenientes das nações européias, no início do século XX, devido às suas diferentes paisagens naturais e comportamentos culturais. Os povos africanos possuíam hábitos diferentes dos ocidentais europeus: viviam em aldeias sob organizações políticas específicas e professavam religiões politeístas e possuíam hábitos alimentares (assim como os asiáticos) desconhecidos dos europeus.

De acordo com Víctora; Knauth; Hassen (2000, p. 13), tanto a evolução histórica da antropologia como da etnografia deixaram de ser uma ciência que estuda sociedades arcaicas e primitivas, para ser um campo que estuda a diferença entre as sociedades.

6- A ETNOGRAFIA NO CAMPO DA PESQUISA EDUCACIONAL

Segundo André (1995, p.16), a pesquisa qualitativa teve início, principalmente, no final do século XIX, quando a comunidade científica, em especial o cientista social, começou a fazer críticas a respeito da transposição dos métodos positivistas das ciências naturais para as ciências sociais. Em decorrência das discussões críticas suscitadas pelos debates, a hermenêutica começou a ser utilizada como método de investigação nos estudos do homem.

É com base nessas reflexões que a autora, anteriormente mencionada, explica o motivo para a demora do aparecimento da pesquisa qualitativa no campo educacional no século XX. Até a década de 1960, a pesquisa educacional esteve mais voltada para o campo da Psicologia, cujos métodos hegemônicos eram positivistas.

E o início dos trabalhos de etnografia educacional no Brasil foi marcado por um artigo publicado em 1954, na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Embora seu título se referisse à antropologia, tal artigo trata de educação. Na década de 1930, Anísio Teixeira já fazia, no Brasil, estudos descritivos de comunidades de diferentes lugares da Bahia visando a identificar as gigantescas diferenças entre as várias partes do país (GARCIA, 2001, p.94).

As pesquisas qualitativas ganharam força na década de 1960 devido à contribuição de alguns fatores de caráter ideológicos e culturais. Diversos movimentos sociais da época buscavam a igualdade de direitos, a melhoria do ensino público e o estudo para todos. Eles surgiram em diversos países como o movimento estudantil contra a guerra do Vietnã, nos Estados

Unidos, o da recusa colonial na Alemanha e o de maio de 1968, na França. Neste último, seus educadores foram levados a repensarem o ensino e a averiguarem o que realmente estava acontecendo dentro de suas salas de aula. Com isso, a abordagem antropológica ou etnográfica começou a ser adotada e divulgada como forma de estudar o cotidiano escolar (ANDRÉ, 1995, p.21).

Desde a década de 1960, os britânicos passaram a estudar a diferença de cultura entre os povos, visto que os grupos étnicos existentes, tanto na América do Norte como na Inglaterra, não se adaptavam aos costumes educacionais hegemônicos. O ensino oficial levava grande contingente populacional ao fracasso escolar. No final da década de 1980, os ideais de igualdade na educação eram marcantes na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Nesse período, a etnografia educacional ganha impulso com a criação do Conselho de Antropologia e Educação na América do Norte e com as mudanças curriculares que estavam ocorrendo na Inglaterra (GARCIA, 2001, p.32). Através dessa reorganização do sistema de ensino inglês e dos estudos etnográficos envolvendo a problemática do fracasso escolar, surgem as primeiras formas de pesquisa que empregam essa metodologia numa perspectiva crítica utilizando métodos como trabalho de campo e observação participante.

Nos Estados Unidos, entre o pós-guerra e a década de 1970, desenvolveu-se uma nova fase das pesquisas qualitativas. Esta fase foi chamada de modernista pelo seu discurso positivista ligado à Antropologia Cultural.

Os países latinos ditatoriais, também naquela década, foram fortemente influenciados pelas teorias de Paulo Freire e Ivan Illich que questionavam a escola pública e propunham que a educação fosse voltada para todas as camadas da sociedade (GARCIA, 2001, p. 51).

Durante toda a década de 1970, o México implementou, no campo das políticas públicas, profundas transformações na educação. Na década de 1980, em decorrência de tais medidas, culminaram inúmeros trabalhos etnográficos, ou de caráter etnográfico.

É também a partir da década de 1970 que nos Estados Unidos se começou a estudar o papel da escola na construção da marginalização. Tais estudos vieram a contribuir para a formação de um novo campo de discussão na educação, tratando da questão do fracasso escolar.

Nesse período ocorreu uma verdadeira explosão de estudos utilizando esses métodos. Alguns autores atribuem o fenômeno ao fato de ser a etnografia uma metodologia que permite relacionar teoria e experiência refletida (GARCIA, 2001, p.40).

Segundo André (1995, p.39), no início da década de 1970, mais precisamente em 1972, na Inglaterra, aconteceu um seminário de extrema importância para o desenvolvimento das pesquisas de tipo etnográfica. Nesse evento, foram discutidos os processos educacionais de currículo e avaliação. Houve inúmeras publicações sobre esse enfoque que, por sua vez, passaram a influenciar profundamente os sistemas educacionais de países como a Inglaterra, Escócia, Suécia, Austrália, Brasil e a América do Norte.

Nessa década, se realizaram muitos estudos de interação que só visavam a observá-la entre professores e alunos. Entretanto, em 1976, Michel Stubbs e Sara Delamont publicaram um livro em que criticavam os estudos de interação que basicamente empregavam uma perspectiva de análise quantitativa. Os autores sugeriram como alternativa a abordagem antropológica ou etnográfica. O livro de Stubbs e Delamont foi um marco na divulgação da etnografia educacional em vários lugares, como nos Estados Unidos, no Brasil e em diversos países da Europa (ANDRÉ, 1995, p.36).

Contudo, é no final da década de 1970 que, verdadeiramente, a etnografia educacional chega ao Brasil, quando aparecem os primeiros trabalhos com esta perspectiva metodológica.

Buscando compreender as características da etnografia educacional produzida no Brasil, Garcia (2001) apresenta o trabalho de Vera R. P. Moraes, datado de 1978, intitulado “Crianças no Jardim de Infância: um estudo etnográfico”, como representante da presença da perspectiva antropológica na pesquisa educacional do país, já na década de 1970.

Na década seguinte, dois eventos significativos ocorrem no Brasil: o Seminário de Pesquisas da Região Sudeste, em 1980, na cidade de Belo Horizonte, e o Seminário sobre Pesquisa Participativa promovido pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), em 1983, muito importantes para a divulgação e disseminação dos estudos etnográficos ou qualitativos em educação.

Este último evento contou com a presença de Justa Ezpeleta do Centro de Estudos Educativos do México. A autora, juntamente com Elsie Rockwell e Rute Mercado, foi uma das responsáveis pelas bases da etnografia no Brasil. Contudo, não pode ser negligenciada a

importante influência dos estudos ingleses para a pesquisa etnográfica no país (GARCIA, 2001, p.102).

Segundo Ezpeleta; Rockwell (1986, p. 38), o objetivo maior da etnografia educacional é propor constantes estudos comparativos para construir melhores processos educacionais. Nessa mesma perspectiva, Erickson (1989, p. 289) afirma que o ensino exige uma perspectiva etnográfica sobre os alunos e sobre o meio que se produzirá a aprendizagem.

Para Mattos (2001), o principal benefício que a etnografia traz para a educação “[...] é o desvelamento da ‘caixa preta’ que envolve a cultura escolar como um todo, numa sala de aula particular ou nas interações interpessoais desenvolvidas no âmbito escolar [...]”.

De acordo com Souza (2000), uma importante contribuição da etnografia para a educação é a aproximação e a comunicação da escola com a comunidade, de maneira que elas propiciem um estudo de realidades particulares e concretas, que demonstrem as realidades da comunidade ao redor da escola.

Garcia (2001) diferencia a etnografia educacional da etnografia escolar. A primeira compõe um estudo dos processos educacionais que podem estar relacionados ou não com a escola. Já a etnografia escolar estuda os processos educacionais que acontecem dentro da escola.

Em trabalho que analisa resumos provenientes de pesquisas de cunho etnográfico, consultando o banco de dados da Associação Nacional de Pesquisas Educacionais (ANPEd), entre os anos de 1980 e 1990, Garcia (2001) aponta que duas universidades, atualmente, se sobressaem como centros de pesquisa etnográfica no Brasil. São elas: a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Através de sua pesquisa, a autora concluiu que a maioria dos resumos de trabalhos analisados (dissertações e teses) intitula-se como etnográficos, mas são apenas aproximações de cunho etnográfico.

André (1995) faz algumas considerações e críticas sobre os trabalhos etnográficos realizados no Brasil, quando escreve que um dos problemas das pesquisas que se dizem etnográficas ou qualitativas, é a falta de entendimento da teoria na pesquisa, uma vez que a teoria tem um importante papel no sentido de fornecer suporte às interpretações e às abstrações na escrita do relatório. Afirma ainda que: “O que se tem feito é uma adaptação da etnografia para a educação, o que faz crer que fazemos estudos do tipo etnográfico e não etnografia no sentido estrito da palavra” (ANDRÉ, 1995, p.28).

Sobre essa questão, Camacho; Beltrame (1997) afirmam existirem pesquisas sérias e com o rigor necessário exigido pela etnografia. Entretanto, observam que são mais numerosas as pesquisas com desvio teórico-metodológico nesse campo. Consideram, também, que a falta de rigor pode comprometer toda uma linha de trabalho, pois fragilizam a consistência dos estudos com referencial etnográfico. Por tratarem dos principais problemas da utilização da etnografia na educação, essas autoras assinalam o desconhecimento dos princípios básicos da etnografia, falta de clareza sobre a importância da fundamentação teórica nesse tipo de pesquisa e a dificuldade dos pesquisadores em lidar com os dados coletados.

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise histórica do surgimento da etnografia, percebeu-se a sua semelhança com os primórdios da ciência geográfica, porquanto, os primeiros geógrafos utilizavam esse método para descrever e registrar as diferentes paisagens e os diversos povos e culturas.

A etnografia, como os demais métodos de coleta de dados das pesquisas qualitativas, possibilita a interpretação de um pequeno grupo de pessoas, definido conforme os objetivos do estudo a ser empreendido. E é nesse aspecto que a etnografia poderia ser mais utilizada não somente no ensino de Geografia, mas de qualquer outra ciência ou disciplina. Afinal, através dessa metodologia, é possível realmente compreender o universo escolar, detectar seus problemas e propor sugestões que possam aumentar a qualidade da educação no Brasil.

Existem muitas divergências conceituais entre os autores que adotam a etnografia enquanto metodologia de pesquisa para o campo educacional. Entretanto, a maioria afirma que as pesquisas etnográficas – que investigam o fenômeno educativo – apresentam inúmeros problemas de âmbito teórico e prático, apesar de contribuírem sobremaneira para a compreensão dos fatos ocorridos nas instituições de ensino.

Diversos autores concluem que os pesquisadores utilizam, muitas vezes, o nome da etnografia em seus trabalhos sem saber ao certo o que essa metodologia significa, e quão séria e rigorosa é uma pesquisa com esse enfoque. Via de regra, quando os pesquisadores não possuem um aprofundamento teórico, partem para a observação sem conseguir detectar acontecimentos

realmente significantes. Isso produz inúmeros trabalhos sem consistência teórica, apresentando apenas descrições superficiais.

O grande potencial da pesquisa qualitativa e, em especial, o da coleta de dados de investigações de tipo etnográfico, é que ela implica o registro detalhado da situação estudada, a observação de comportamentos e formas de interação verbal e não verbal, não induzidos por roteiros fechados ou pré-estabelecidos.

Outra importância da pesquisa etnográfica é a capacidade de propor constantes estudos comparativos para construir melhores interpretações de processos educacionais e de fenômenos relativos à aprendizagem.

Ao abordar questões do cotidiano escolar, a investigação de tipo etnográfica pode apresentar reflexões sobre condições institucionais significativas para o desenvolvimento de determinadas interações e situações de práticas criativas responsáveis pela organização do trabalho pedagógico.

Nesse sentido, a pesquisa etnográfica pode contribuir para a discussão de diversos fatores determinantes para as relações do cotidiano escolar; e, no âmbito de políticas públicas descentralizadas, ocorre a possibilidade de sugerir orientações úteis para a compreensão do fenômeno vivo e dinâmico da educação.

Além disso, é importante observar que os métodos (qualitativo e quantitativo) de pesquisa são diferentes, visto que se baseiam em concepções teórico-metodológicas distintas, não obstante, seus resultados poderem ser empregados de forma complementar.

Considerando a importância da pesquisa de tipo etnográfico para a investigação do fenômeno educativo e as enriquecedoras divergências teóricas postas no meio acadêmico na atualidade, realizou-se o presente trabalho com o intuito de contribuir para o debate a respeito das questões abertas até o momento.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. **Etnografia da Prática Escolar**. Série Prática Pedagógica. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **A pesquisa sobre formação de professores no Brasil – 1990 – 1998.** In CANDAU, Vera Maria (org.) Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2000.

AZANHA, José Mário Pires. O estudo do cotidiano: alguns pontos a considerar. In: **Cadernos CERU**. São Paulo, Nº 05, Série 2. P. 32-35, 1994.

CAMACHO, Luiza M. Y.; BELTRAME, Sônia A. B. Usos e Abusos da Etnografia na Educação. In: **Revista reflexão e Ação**. Vol.5, nº2. Santa Cruz do Sul – RS, 1999. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br/art>> . Acesso em 16 mai. 2004

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Larousse Cultural**. São Paulo: Nova Fronteira, 1992.

ERICKSON, Frederich. **Qualitative Methods of Research on Teaching**. In: WITTROCK, M. (editor), Handbook of Research on Teaching. Third edition. New York: Macmillan Publishing Company, 1986.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante**. (tradução por Francisco Salatiel de Alencar Barbosa). São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GARCIA, Tânia Maria Figueiredo. **Origens e questões da etnografia educacional no Brasil: um balanço de teses e dissertações**. Tese apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação junto à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Graal, 1989. p.13-41.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Prefácio de Sir James George Frazer. Tradução de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieiri Mendonça. Coleção Os Pensadores v. 43. 2ª. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **A Abordagem etnográfica na investigação científica**. UERJ, 2001. Disponível em: <<http://www.ines.org.br/paginas/revista/hm>>. Acesso em 15 mai. 2004.

MONTEIRO, Roberto Alves. **Pesquisa em Educação: Alguns Desafios da Abordagem Qualitativa.** In: Fazendo e Aprendendo Pesquisa Qualitativa em Educação. Juiz de Fora: FEME/UFJF, 1998. P. 3-22.

SOUZA, Jesus Maria. **O Olhar Etnográfico da Escola perante a Diversidade Cultural.** In: Revista de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina. Vol.2, Nº1. Londrina-PR, junho de 2000. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br/art>>. Acesso em 19 jun. 2004.

WARDE, Mirian. **O papel da pesquisa na pós-graduação em educação.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo (73): 67 – 75, maio de 1990.

_____. **A produção discente dos programas de pós-graduação em educação no Brasil: avaliação e perspectivas na área de educação.** Porto Alegre: ANPEd/CNPq, 1982-1991, p. 51-82.

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa Qualitativa em Saúde: Uma introdução ao tema.** Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

(Recebido em setembro/2010. Aceito em Outubro/2010)